

Lâmina da excelência

Festival de Roterdã vê o cinema de ação galgar novos horizontes com 'Lone Samurai', um thriller espadachim com canibais assassinados e inquietude existencial



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Filmes de ação, daqueles que gotejam sangue, raramente encontram vitrine nos festivais classe AA do cinema, com pontuais exceções. “Tempo de Matar” perfumou a Berlinale de pólvora em 2020; “Drive” (2011) saiu premiado de Cannes depois que Ryan Gosling esmagou inimigos a golpes de martelo; “A Vingança É Minha, Todos os Outros Pagam em Dinheiro”, da Indonésia, ganhou o Leopardo de Ouro em Locarno, em 2021, voltando o kung fu contra o sexismo. Não é impossível haver espaço para iguarias movidas a tapa na cara e lâminas em pescoços onde troféus prestigiosos estão em jogo. Roterdã, evento criado na década de 1970, na Holanda, que abre o circuito anual das maratonas cinéfilas internacionais de maior relevo, sempre dá lugar a pérolas do tipo que dá tiro ou corta fundo.

Mas até para os padrões de sua programação anual, sequências de luta com o nível de excelência de “Lone Samurai” são raras. Dirigido por Josh C. Waller, um americano da Califórnia que abriu uma produtora em Portugal, o longa-metragem é um thriller de embates armados (espada de um lado; machadinhas, tacapes, lanças e flechas do outro), nos moldes de épicos de Akira Kurosawa (1910-1998), só que com... canibais.

“Kurosawa era um mestre como cineasta e contador de histórias. Não há nada além de inspiração vinda dele e dos seus filmes, mas também adoro Masaki Kobayashi, Kihachi Okamoto e Takashi Miike, para citar alguns”, explica Waller, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã. “Não me inspirei apenas no cinema japonês e no cinema Chanbara (um filão dedicado a narrativas de samurais, criado nos anos 1920). Quando assisto a ‘Lone Samurai’, vejo todos os diferentes filmes dos quais ‘tirei’ inspiração. Todos os filmes que me inspiraram a fazer o meu, incluindo filmes que me marcaram quando era criança. Pode até ser apenas um pequeno momento que ninguém percebe, exceto eu,



Um espadachim silencioso luta pela sobrevivência numa ilha cercada de perigos em ‘Lone Samurai’



“Kurosawa era um mestre como cineasta e contador de histórias. Não há nada além de inspiração vinda dele e dos seus filmes, mas também adoro Masaki Kobayashi, Kihachi Okamoto e Takashi Miike, para citar alguns”

JOSH C. WALLER

completa o cineasta elencando “Velocidade Máxima” (“Speed”, 1994), “O Fugitivo” (“The Fugitive”, 1993) e “Duro de Matar” (“Die Hard”, 1988) entre os pilares da adrenalina que o formaram, paralelamente a influências asiáticas.

Como produtor, ele assina um cult nas raías da barbárie (e do trash) aclamado na Quinzena de Cineastas de Cannes, em 2018: “Mandy: Sede

de Vingança”, de Panos Cosmatos, com Nicolas Cage. Como realizador, dirigiu a dublê profissional, atriz e parceria sazonal de Tarantino Zoë Bell em “Perseguição na Floresta” (“Camino”, 2015) e “Raze: Lutar ou Correr” (“Raze”, 2013).

“Fazer um primeiro filme, que fosse um filme de ação, e ter uma das melhores dublês do mundo como protagonista, foi uma lição que

nunca esquecerei”, elogia o diretor, que se mudou para a Península Ibérica após a pandemia e fundou, em solo português, a Woodhead Creative, firma disposta a ajudar quem almeja rodar tramas de gênero na “terrinhã”.

Com todo o caldo cultural que o cerca, Waller fez em “Lone Samurai” uma epifania não só em padrões cinematográficos (físicos), mas em padrões existencialistas. Levado por uma onda a uma ilha desconhecida, seu personagem central, o ronin Riku, vivido por Shogen (ele se chama Shogen Itokazu, mas dispensa o sobrenome), está gravemente ferido, assombrado por visões de sua feliz vida familiar no Japão. Enquanto vagueia pelas florestas, montanhas e cavernas da Indonésia, ele vê uma epopeia de sobrevivência tomar um rumo sangrento ao esbarrar com uma comunidade que devora carne humana.

Para interpretar os canibais, o realizador escalou um par de artistas marciais indonésios cultuados: Yayan Ruhian e Rama Ramadhan. Com eles em duelo selvagem contra Riku (Shogen), Waller dá ao cinema um balé que transcende a brutalidade.

“As acrobacias sempre farão parte dos filmes de ação, isso é inerente ao gênero. Mas acho que um cineasta precisa se perguntar constantemente: posso fazer melhor? Isso pode ser melhor? Não para ser perfeccionista, mas para buscar algo único. Cada um de nós é diferente, com perspectivas e ex-

periências diferentes, então acho que quanto mais nos concentrarmos em nós mesmos, melhor”, diz o cineasta, avançando por um espaço do chamado gore, termo que se refere à exposição explícita de entranhas evisceradas, como se vê em longas recentes como a trilogia de horror “Terrifier” (2016-2024) ou em “Beekeeper” (2024). “É possível ter gore em qualquer gênero, não apenas na ação, desde que faça sentido para a história. Não sou realmente um cineasta do exibicionismo, então só gosto de usar ferramentas — como gore, nudez etc. — se a história realmente justificar. Caso contrário, quem precisa disso? Sinto o mesmo em relação ao gore no terror”.

Sobre valores, Waller dimensiona um experimento como “Lone Samurai” como o resultado de um custo baixo... como costuma ser a média das atrações de Roterdã.

“O orçamento do filme não foi tão alto quanto se poderia imaginar, e nem de longe o que queríamos. Mas acho que, quando se está rodeado da equipa certa, acaba-se sempre com o filme que se deveria ter”, diz o diretor.

Roterdã segue até domingo e, em suas distintas vitrines, o cinema brasileiro tem se destacado na competição, com a ficção científica “Yellow Cake”, com Tânia Maria, e com o terror de tons cômicos “Privadas de Nossas Vidas”, no qual Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner contextualiza excrecências como signos da intolerância nossa de todo dia.